

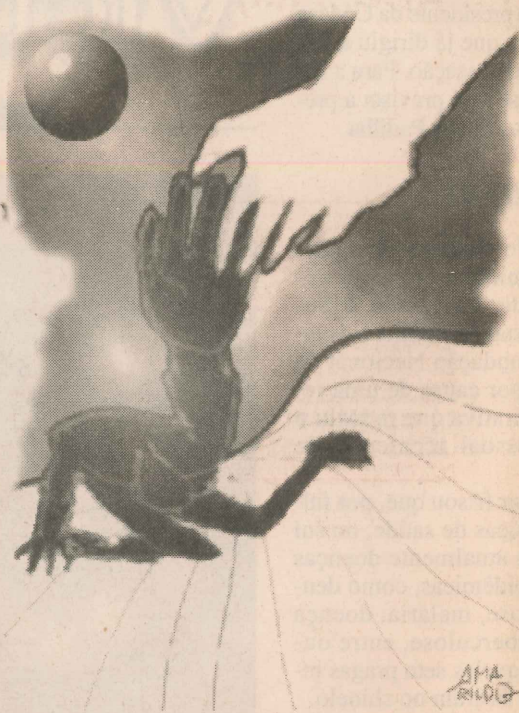
# Por um mundo mais justo

JOSÉ CARLOS CORRÊA

O movimento é silencioso e progressivo. Pode até se dizer que não é novo nem inédito, mas, sem dúvida, vive um ciclo diferente, mais consistente e, por isso, mais forte. Talvez por estar sendo marcado por uma dose maior de conscientização das pessoas que passam a enxergar, com mais clareza, que a sociedade não se divide apenas entre o estatal (público) e o privado (empresas). Trata-se do engajamento das pessoas em entidades não-governamentais, unindo seus esforços na busca de soluções para problemas específicos, quase sempre em parceria com os poderes públicos e a iniciativa privada, mas sempre à frente (e nunca a reboque) deles. É o que o professor Roberto Garcia Simões chama de "terceiro setor" que toma vulto e assume um papel cada vez mais relevante na sociedade moderna.

O movimento não é novo pois, afinal de contas, há muito a sociedade vem se organizando, de uma ou outra forma, independentemente dos governos. As cooperativas, por exemplo, estão aí há mais de um século, convivendo com os mais diferentes regimes políticos e sistemas econômicos. As entidades de assistência social e filantrópica, da mesma forma, são nossas velhas conhecidas, geralmente nascidas sob o estímulo dos movimentos religiosos e clubes de serviço. Sem falar dos sindicatos e associações de moradores que, criados para a defesa dos interesses de seus associados, alargaram suas atuações em campanhas mais abrangentes. O que há de novo, na verdade, é a concepção de atuação de boa parte dessas entidades que passa a abandonar o discurso meramente reivindicativo para se dedicarem ao trabalho direto na construção de soluções para velhos (e novos) problemas.

Possivelmente essa nova dimensão das nossas organizações não-governamentais tenha tomado impulso a partir da inesquecível campanha liderada por Herbert de Souza, o Betinho, em defesa da cidadania, contra a fome e a miséria. Talvez tenha sido ali que os brasileiros tenham despertado para o fato de que é possível a sociedade se mobilizar com entusiasmo em torno de uma bandeira íntegra, justa e necessária. A adesão de entidades e pessoas de todos os tipos, regiões, classes sociais, religiões, ideologias e formação foi tão forte, que surpreendeu o seu próprio idealizador. Com uma vantagem adicional: a campanha de Betinho foi capaz de construir uma parceria transparente entre o público, o privado e a sociedade, rompendo a velha desconfiança que sempre existiu entre eles. Essa desconfiança fazia com que cada um desses segmentos sempre pensasse que o outro queria levar vantagem política com a campanha. A figura inatacável de Betinho fez desmoronar esse paradigma e uniu governos, empresas, partidos, mo-



## O QUE HÁ DE NOVO, NA VERDADE, É A CONCEPÇÃO DE ATUAÇÃO DESSAS ENTIDADES

vimentos sociais, associações de classe, clubes de serviço e entidades religiosas numa só direção.

Isso abriu caminhos para parcerias mais sólidas entre todos os setores da sociedade. Os poderes públicos passaram a perceber que suas ações na área social deveriam estar desatreladas dos interesses eleitorais dos partidos (e políticos) eventualmente no poder. As empresas incorporaram entre seus objetivos a satisfação da sociedade onde estão inseridas (os programas de Qualidade Total alinham a sociedade entre os públicos a serem atendidos, ao lado dos acionistas, funcionários e clientes). E a sociedade também aprendeu a assumir a busca da solução dos problemas, ao invés de ficar simplesmente lamentando nos discursos ou jogando a culpa nos outros através da estéril repetição de chavões reivindicatórios.

O professor José Paschoal Rossetti, já há algum tempo, vem antevendo que entre as transformações que mais vão impactar o mundo do início do século 20 está o poder crescente das organizações não-governamentais que tendem a forçar uma inversão de papéis entre o Estado e a sociedade. Isto é, o Estado que hoje controla a

sociedade vai passar a ser controlado por ela. É o que ele chama de "poder compartilhado".

Mais importante do que a ampliação da atuação do "terceiro setor" é o seu rumo cada vez mais cidadão. Reforça esse sentido a direção que vem sendo dada à Comunidade Solidária que está lançando em todo o país o Programa Voluntários exatamente para estimular a doação, pelas pessoas, de parte de suas vidas na participação em ONGs, fundações, clubes de serviço, associações beneficentes, instituições religiosas, hospitais, creches e asilos, em nome da cidadania. O sucesso da campanha de combate à moralidade infantil, realizada em parceria com a Pastoral da Saúde, mostra que qualquer trabalho bem estruturado, que conte com a participação popular, dá bons resultados.

No Espírito Santo, há muitas ações em favor da cidadania bem-sucedidas que também podem ser lembradas. A Fundação de Assistência Social (FAS), por exemplo, rompeu com a antiga prática assistencialista e clientelista para apoiar parcerias nas áreas de educação e saúde, envolvendo as comunidades na execução das políticas sociais. A Prefeitura de Vitória tem também uma bela experiência na área de Ação Social, principalmente na geração de emprego e renda, que merece ser vista por todo o país. A Associação dos Amigos do Hospital das Clínicas é outro exemplo bem-sucedido do que a união de pessoas é capaz de fazer. Inúmeros problemas enfrentados pelo hospital estão sendo superados graças ao trabalho voluntário de centenas de pessoas. Há um outro trabalho que merece ser acompanhado com atenção: a Apae de Vitória, de forma estruturada, está buscando a sua autonomia através da inserção da entidade no mundo do trabalho com a participação direta dos técnicos e das famílias dos alunos.

Na última terça-feira, os capixabas Sérgio Rondelli e Canário Caliarri contaram, em palestra, como percorreram a pé todo o litoral brasileiro e falaram com entusiasmo das organizações não-governamentais que encontraram pelo caminho, entre as quais o Projeto Tamar. Ficou claro ali, mais uma vez, que o Brasil está mudando, e mudando para melhor. Como Sérgio e Canário, o Brasil está descobrindo novos caminhos. Caminhos que já estão fazendo surgir novas soluções para conhecidos problemas. E que estão aí, perto de nós, à espera que cada um decida doar um pouco de si em favor do semelhante. Como diz a campanha do Programa Voluntários, cada um pode colaborar fazendo aquilo que pode e que gosta, escrevendo, empresariando, medicando, vendendo, cozinhando. Fica a sugestão para que cada um faça essa reflexão neste fim-de-ano que não é só de crise e de violência. Mas é também de amor, de doação, de participação na construção de um mundo mais justo.